**DA CARICATURA DO INDIVÍDUO RACIONAL
KANTIANO À PARANÓIA DO PODER EM
AUTO DE FÉ, DE ELIAS CANETTI**

Rousiley C. M. Maia
UFMG

Resumo: Este trabalho procura examinar a maneira como Peter Kien, protagonista de *Auto de Fé*, de Elias Canetti, expressa, em uma alusão caricaturada a Kant, a dor do processo de individuação de uma identidade que procura representar-se como um *a priori* da razão humana. Tem em vista, ainda, examinar a forma como a obsessão com identidade, autopreservação e distinção do protagonista conduz, em primeiro lugar, ao *pathos* de um *self* desesperançosamente confinado no círculo de seu próprio universo e, em segundo, a uma desenfreada vontade de poder e radical intolerância com "o outro". Procura-se mostrar, em seguida, como o protagonista de *Auto de Fé* expressa muitos dos elementos e aspectos de poder discutidos por Canetti em *Massa e Poder*, constituindo-se num caso-modelo de psicopatologia de poder, semelhante ao de Daniel Paul Schreber, com o qual sua monografia se encerra.

Palavras-chave: Elias Canetti, Individualidade, Subjetividade, Vontade-de-poder

Abstract: This paper sets out to examine how Peter Kien, protagonist of Elias Canetti's *Auto de Fé*, expresses, in a caricatured allusion to Kant, the pain of an identity that tries to represent itself as a *a priori* structure of the human reason. It intends to examine as well the way in which obsession with identity, auto-preservation and distinction of the protagonist leads, firstly, to *pathos* a self desperately confined within the circle of its own universe and, secondly, to an unbridled will-to-power and a radical intolerance with 'other'. It is an attempt to show how the protagonist of *Auto de Fé* expresses many aspects and elements of power, discussed by Canetti in *Crowds and Power*, constituting a model case of psychopathology of power, similar to Daniel Paul Schreber's, with which his crowd monograph concludes.

Key words: Elias Canetti, Individuality, Subjectivity, Will-to-power

Auto de Fé representa um novo estilo de romance sobre a massa, pois incorpora esteticamente muitas das preocupações teóricas de Canetti sobre o fenômeno da multidão. Nesse romance altamente introspectivo, a categoria de massa mais interessante não é o agregado humano físico, no sentido usual; no entanto, *Auto de Fé* apresenta vários simbolismos sobre a multidão, que se tornam compreensíveis em relação à complexa tipologia de massa e teoria de massa que Canetti desenvolve em *Massa e Poder*. Desafiando toda a tradição evolucionista atávica e sustentando a teoria clássica de multidão do tipo de Le Bon, Canetti articula, em *Massa e Poder*, uma nova e completa teoria sobre multidões. Concebido no mesmo momento em que Canetti elaborava *Massa e Poder*, *Auto de Fé* projeta imaginativamente, e de modo essencialmente original, vários argumentos que tornam possível a compreensão de muitos dos aspectos familiares e intrigantes relativos à psicologia de multidões, além de sua relação com o poder.

Uma equação temática central entre *Auto de Fé* e *Massa e Poder* refere-se à comparação entre Peter Kien, o protagonista de *Auto de Fé*, e Daniel Paul Schreber, cujo livro *Memoirs of my Nervous Illnesses*, oferece a Canetti o caso-modelo de psicopatologia de poder, com o qual *Massa e Poder* se encerra. É possível relacionar o protagonista de *Auto de Fé* com Paul Schreber de duas maneiras diferentes. Kien pode ser visto como o modelo do último indivíduo racional sobrevivente, aquele que, num kantianismo retorcido, despreza a massa em todas as suas representações e luta tenazmente para manter-se afastado dela. O isolamento de Peter Kien da sociedade, seu desejo de manter seu ego autônomo e sua ambição de impor um controle total sobre o mundo circundante são levados a tal extremo, que seu caso se torna indistinto do caso-modelo do paranóico. Por outro lado, a estrutura mental de Kien pode ser comparada à mente do chefe paranóico. As noções que tem de grandeza e exclusividade, tal como em Schreber, revelam uma desenfreada vontade de poder e uma intolerância radical com os outros. Kien, exatamente como o chefe paranóico, oferece o caso patológico para se discutirem a estrutura e a psicologia de autoridade e muitos aspectos de poder presentes em *Massa e Poder*.

Peter Kien é a própria antítese do homem-massa. Ele luta para manter as fronteiras de seu ego intactas, autônomas e permanentemente estruturadas, de acordo com sua vontade autodeterminante. Guarda-se contra qualquer tipo de influência que possa invadir e devorar sua individualidade. As "distâncias", no sentido que Canetti discute em *Massa e Poder*, determinam inteiramente a vida do protagonista. O ponto de partida de *Massa e Poder* é a afirmação de Canetti sobre o temor de contato, "o temor de ser tocado", "o temor do estranho", que caracterizam o indivíduo. "O homem se situa com segurança

num lugar determinado (...). Toda a vida, como ele a conhece, é definida por distâncias: a casa na qual ele encerra sua propriedade e sua própria pessoa, o posto que ele ocupa, o *status* que ele almeja, tudo isto serve para criar, para fortalecer e para aumentar *distâncias*¹. As fronteiras da personalidade do homem são, neste sentido, garantidas por distâncias — distinções de classe, *status*, autoridade. “Os homens, como indivíduos, sempre têm consciência destas diferenças, que têm peso enorme, forçando-os a posições claramente separadas”².

Em *Auto de Fé*, a primeira fronteira para remover o protagonista do apressado movimento do mundo é estabelecida pelo seu apartamento, situado no último andar de um prédio cuja portaria é cuidadosamente protegida pelo olho tirânico do porteiro, Pfaff. A porta de entrada do apartamento de Kien é guardada por três resistentes fechaduras. Para garantir a intimidade de seu espaço pessoal, Kien delinea, dentro do apartamento, uma segunda fronteira que converte os cinco compartimentos em dois mundos: um deles, a biblioteca — é o reino destinado ao estudioso; o outro, os domínios da “empregada”, Teresa. À biblioteca de Kien (cujas janelas laterais foram fechadas para impedir distrações com o mundo vindo de fora), ninguém tem acesso. Com as paredes cobertas de livros até o teto, ela representa um cosmos autocontido que proporciona a ordem imutável, desesperadamente defendida contra o caos da realidade exterior. O protagonista, obstinadamente, mantém distância de outras pessoas e se retrai diante de quase todos os tipos de interação humana. As fronteiras de seu *self* são particularmente garantidas pela recusa à conversa: não responde quando uma questão é dirigida a ele e, quando fala, suas palavras raramente são entendidas. Odeia barulho, particularmente o som de vozes humanas. Em suas caminhadas matinais, faz por ignorar os poucos transeuntes: “como não tinha qualquer desejo de observar quem quer que fosse, mantinha os olhos baixos ou olhava por cima das pessoas”³.

Em busca de uma supremacia absoluta para seu intelecto, Kien também se esforça por separar sua mente de seu corpo. Faz quanto pode para minimizar a atenção destinada às necessidades de sua existência física e contempla com desinteresse as ações relativas a ela, de forma que toma as refeições em sua mesa de trabalho e dorme em um divã em sua biblioteca. As exigências de sua higiene pessoal são reduzidas a quinze minutos diários. Mulher e sexo são não apenas negligenciados, mas particularmente abominados. Tudo que é emo-

¹ Canetti, E. *Crowds and Power* [1960]. London, Victor Gollancz, 1962; *Massa e Poder*, MP, São Paulo, Melhoramentos, 1986, pp. 14-15.

² MP, p. 14.

³ Canetti, E. *Auto-da-Fé* [1935]. London, Pan Books, 1981; *Auto de Fé*, ADF, Lisboa, Livros do Brasil, 1963, p. 11

cional, intuitivo, compulsivo irracional e, portanto, incontrolável é excluído. Indiferente a dinheiro e mal vestido, o protagonista despreza tudo que é material. Ele nem mesmo conhece suas feições físicas: "O caráter, quando alguém o possui, determina também o aspecto físico (...). Apenas conhecia a sua cara fugazmente, por vê-la refletida nos vidros das montras das livrarias. Em casa não tinha um único espelho; não sobrava espaço entre os livros".⁴

No início do romance, Kien aparece como o tipo de pensador que rejeita o mundo do dia-a-dia, com seus enganos e suas óbvias incertezas parciais, por preferir um mundo de permanências, tido como mais real e mais certo. Aspirando a transcender a existência material e viver platonicamente em um reino de idéias, o sinólogo exige de si mesmo uma rotina de estudo austero e minucioso — um rígido ritual diário que protege seu encapsulamento solitário e silencioso. Seu objeto de estudo — a reconstrução de manuscritos orientais antigos — é também ideal para removê-lo do presente, dada a sua natureza remota em termos históricos e geográficos⁵. Kien torna-se, assim, uma viva alegoria do intelecto puro, uma desencarnada "cabeça sem o mundo"⁶, como o romance o denomina.

A completa indiferença do protagonista pelas demandas ambientais e seus estímulos fisiológicos pode ser vista como a expressão do desejo de ser um indivíduo verdadeiramente independente. Para forjar sua individualidade aparentemente estável e preservar sua identidade de *pure-self*, Kien tem que se armar e erguer intransponíveis barreiras entre ele mesmo e o resto do mundo, além de pagar o preço da renúncia aos instintos. Afastado e independente do clima dos anseios sociais — e ignorando a pressão para aceitar o modelo coletivo e conformar-se a ele, Kien supõe que poderá manter-se distante da massa. Insiste em agir individualmente, minimizando suas necessidades sociais e impulsos biológicos e maximizando seu controle sobre eles. Em outras palavras, ao procurar estruturar seu comportamento, o protagonista privilegia o controle cognitivo interno, em detrimento do controle de estímulos externos. "Desejava preservar tenazmente na sua própria essência. Não apenas um mês, nem apenas um ano: toda a sua vida permaneceria igual a si mesmo"⁷.

⁴ A D F, p. 11.

⁵ Ver D. M. Darby, *Structures of Disintegration. Narrative Strategies in Elias Canetti's Die Blendung*. PhD Thesis. Queen's University, Ontario, 1988, p. 49.

⁶ Quando escrevia *Auto de Fé*, Canetti era vizinho de um estudante de filosofia, mantido imóvel por uma tetraplegia. Canetti argumenta que o brilhantismo desse jovem, ao lado de sua vital ausência de corpo, sugeriu a imagem do protagonista totalmente cerebral do romance. "Este homem esteve no cerne de todo projeto". *The Conscience of Words* [1976]. London, Andre Deusch, 1976, p. 76.

⁷ A D F, p. 11.

É possível dizer que Kien, como o último indivíduo racional sobrevivente, percebe seu dever de preservar seu "caráter", numa caricatura de kantianismo⁸. Para viver como um ser moral, para progredir do estado de "natureza" — no qual o homem vive meramente como um mecanismo num estado de sujeição — para um estado de "cultura" — no qual o homem poderia ser livre e autônomo, Kien deveria obedecer à lei racional de sua própria autoria, de modo que o pensamento ilustrado pudesse sobrepor-se aos impulsos naturais e a moralidade pudesse tornar-se forte o bastante para constituir-se como uma "segunda natureza". Kien supõe que, construindo suas próprias crenças, imune, portanto, às influências da sociedade, pode libertar-se completamente das prescrições comportamentais impostas pela história, cultura e sociedade. Mas o projeto de *self* de Kien é apenas uma caricatura de kantianismo. Num certo sentido, a razão, a habilidade de perceber o mundo em termos racionais, une-se à noção de vontade, volição e aceitação de compromisso pessoal, de modo a formar o modelo do indivíduo racional kantiano. No entanto, ao invés de ir ao encontro do mundo movido por uma alegria natural, pela coragem de descobrir, pela audácia de conhecer, seguindo, assim, o conselho iluminista, Kien, amedrontadamente, retrai-se diante do mundo. Desde o início, suprime seus sentidos e deliberadamente prefere o auto-engano. Demonstra, assim, uma percepção da fragilidade de seu *self* frente às forças do mundo circundante, o que implicitamente justifica o encapsulamento absurdo de seu *self*. Em outras palavras, o tremendo esforço de autopreservação vem do temor de perder seu "eu" — medo de morte e de destruição —, expresso em todas as circunstâncias em que se sente desafiado e oprimido.

Canetti mostra em seu romance o processo paradoxal de individuação. O domínio do homem sobre si mesmo e o próprio ato de preservação implicam num enorme sacrifício do *self*. Kien sobrevive apenas através de uma luta constante para manter as fronteiras de seu *self*. A luta é sua sobrevivência. Na maior parte do romance, o protagonista guerreia obstinadamente para proteger as distâncias que lhe proporcionam um sentimento de autonomia e sustentam suas ilusões de poder, mas ao mesmo tempo é levado a um terrível isolamento e a uma inevitável ansiedade derivada da crescente mania de perseguição. A batalha, simbolicamente concebida, de Kien com as representações da massa que penetram em sua biblioteca, atacam progressi-

⁸ A intenção original de Canetti era chamar de Kant ao protagonista de *Auto de Fé*; o romance, em sua fase de manuscrito, chamou-se "Kant Incendeia-se", título que H. Broch dissuadiu o jovem Canetti de utilizar. Ver E. Canetti *The Conscience of Words* [1976]. London, Andre Deusch, 1976.

vamente as fronteiras e finalmente o expulsam de seu reino, tem sido analisada por alguns comentadores⁹. Enquanto a massa do mundo exterior pode ser observada e controlada, a massa de dentro do protagonista é oculta e insidiosa. Kien insiste em racionalizar todos os seus impulsos, assegurando que nada representa uma ameaça aos olhos de sua mente. A racionalização de impulsos, representada pela transformação de instintos em reflexões, resulta, de fato, num tipo de maestria da vontade racional. Mas tal maestria é alcançada ao preço de um crescendo de negações e de proibições relativas ao processo de autotransformação. Pois, como se torna progressivamente claro, o *self* que luta por segurança e estabilidade interna e externa não pode estar seguro na medida em que encontra resistências da natureza. O controle, que permite estabelecer distância da natureza interior e forjar, assim, a identidade do *self* constitui-se, reiteradamente, a fonte de temor em relação à natureza. Para dissimular tal temor, é preciso reforçar o controle, enrijecê-lo ainda mais. O processo de domínio progressivo do sujeito racional é alcançado através de uma inflação crescente da "segunda natureza", uma armadura da vontade racional.

Para Canetti, o processo de individuação relacionado com o sentimento, fundamental para o homem, de isolamento em seu corpo individual, mente e personalidade induz ao desejo de aniquilar as distâncias e à expansão do *self* — até uma condição primária de uma totalidade ilimitada. "Nas suas distâncias, o homem se torna mais rígido e mais sombrio. Ele é obrigado a suportar estas cargas e não avança, não progride. Ele se esquece de que estas cargas foram criadas por ele mesmo e deseja libertar-se delas. Mas como poderá libertar-se delas sozinho? Por mais que faça para conseguir isto, por maior que seja sua determinação neste sentido, ele continua situado entre os demais, que fazem seus esforços malograrem. Enquanto os demais se ativerem às suas distâncias, ele será incapaz de aproximar deles"¹⁰.

A vida social é formulada em termos de distâncias, e o exercício de poder em todas as situações pressupõe distinção, hierarquia e desigualdade. Ciente do caráter incerto da experiência moral contemporânea, Canetti reconhece que a afirmação de um ser na luta pelo poder social se torna a negação de outro, e tanto as opções de coman-

⁹ Ver E. Steward, *The Role of the Crowd in Elias Canetti's Novel Die Blendung*, M.A. Dissertation, University of Manchester, 1968; M. Lovett, *Fire in The Library: Paranoia and Schizophrenia as Models of Linguistic Crisis in Elias Canetti's Die Blendung*. PhD thesis, Indiana University, 1988, pp. 19-25 e R. Maia, *Crowd Theory in Some Modern Fiction: Dickens, Zola and Canetti, 1941-1960*, PhD thesis, Nottingham University, 1992, pp.230-47.

¹⁰ M P, p. 15.

dar quanto as de obedecer deixam um profundo ressentimento no *self*, que isola o indivíduo ou anula a sua autonomia. Canetti entende que "somente todos juntos são capazes de se liberar de suas distâncias. E é exatamente isto o que acontece dentro de uma massa"¹¹. Nela, os dispositivos de hierarquia da vida social — distinções de classe, raça, posição, *status*, formas simbólicas que instituem as diferenças, modelos de autoridade e, portanto, justificações de poder — são aniquiladas. As separações são colocadas de lado e todos se sentem *iguais*¹², havendo a possibilidade de unidade, "de se estar junto", sem dominação. Na massa, Canetti afirma, há o reverso do temor de ser tocado: direcionando os indivíduos no sentido de uma unificação compacta dos corpos, quanto mais denso o corpo compartilhado da massa, menos substanciais o peso e a carga da individualidade. "Dentro desta densidade, como praticamente não existe espaço entre as pessoas, os corpos se pressionam contra os outros, e cada um fica tão próximo do outro como de si mesmo. O *alívio* que isto provoca é impressionante. É em função deste momento feliz, no qual ninguém é *mais*, ninguém é melhor do que os outros, que os homens se transformam em massa"¹³.

Em *Auto de Fé*, Canetti leva ao seu extremo o paradoxo da intoxicação do indivíduo pelo poder e o ressentimento causado por ela, e mostra o fim mórbido a que essa situação pode levar. O protagonista de *Auto de Fé* procura representar sua identidade como um *a priori* da razão humana, permanecendo fervorosamente fiel à sua determinação de "preservar-se tenazmente na sua própria essência (...) e por toda a sua vida ser igual a si mesmo"¹⁴. Obsessão com identidade, autopreservação e distinção culminam na vontade de poder. Para o desenvolvimento de nossa argumentação, o ponto a ser ressaltado é o protótipo do *self* totalitário, delineado por Canetti por detrás do *self* racionalizante e encapsulado do protagonista. Muitas das atitudes de Kien expressam o que Canetti chama de "patologia de poder" e podem ser revistas à luz de alguns aspectos e elementos de poder, discutidos em *Massa e Poder*, tais como, entre outros, "sentenciar e julgar", "segredo e silêncio", "as proibições de metamorfose", "o sobrevivente".

O sentido de grandeza do protagonista pode ser relacionado com a mentalidade "torre de marfim", usualmente atribuída ao intelectual.

¹¹ M P, p. 15.

¹² Segundo Canetti, a "descarga" é o mais importante entre os momentos que se desenrolam no interior da massa: é quando todos os que pertencem a ela se despojam de suas diferenças e sentem-se *iguais*. "Antes disto, a massa em si não chega a existir realmente; é através da descarga que ela se integra de verdade. M P, p. 14.

¹³ M P, p. 15.

¹⁴ A D F, p. 11.

Kien vê a si mesmo separado do mundo cotidiano, onde vivem os bárbaros iletrados, como chama todos os outros. Recluso em sua biblioteca, ele preserva e se reserva o poder de "julgamento e de condenação", demonstrando de modos disfarçados um tipo de prazer em elevar-se a si mesmo, rebaixando outros¹⁵. Era costume de Kien, por exemplo, olhar, sempre a um metro de distância, os títulos expostos nas vitrines de cada livraria por onde passava em suas caminhadas matinais. "Ao distanciar-se assim daqueles livros venais, de simples divulgação, significava-lhes o seu desprezo, tanto mais merecido quando os comparava com as obras densas e complexas da sua biblioteca"¹⁶.

Kien cerca sua existência de segredo e silêncio¹⁷. Nunca se mostra em público e se recusa a lecionar, apesar de ser-lhe sempre oferecida a cadeira de titular. Jamais comparece a celebrações e conferências, nas quais lhe seriam prestadas todas as honras, que, ainda que não o honrassem, pretendiam ser honoríficas. Desculpa-se no último momento e envia seus manuscritos, assegurando, assim, a permanência da personalidade mais debatida. Tal retirada voluntária de relações acadêmicas usuais torna a pessoa de Kien misteriosa e inacessível, como se fosse "o guardião do tesouro (...) que está dentro dele"¹⁸. Pode-se dizer que escapa de conversações por reconhecer o poder subversivo das interações comunicativas e o perigo que estas representam ao *self* que se pretende invulnerável. Como Canetti argumenta em *Massa e Poder*, a pergunta é uma expressão de poder e uma incisiva penetração na liberdade de outros, sendo que "a resposta obriga a pessoa a situar-se num determinado lugar e permanecer aí enquanto o interrogador pode atacar de qualquer ângulo"¹⁹. Neste sentido, o poder do silêncio sempre é altamente apreciado, e a virtude estoica da impassibilidade, em sua concepção extrema, deveria conduzir ao silêncio, pois significa que se é capaz de resistir aos incontáveis motivos externos que nos induzem a falar. "O mais denso do segredo é sua defesa eficaz contra a pergunta. O silêncio contra uma pergunta é como o choque de uma arma contra o escudo ou uma armadura. Emudecer é uma forma extrema de defesa (...), a pessoa emudecida não se expõe, mas em compensação parece mais perigosa do que realmente é. Supõe-se que ela oculte muito mais que

¹⁵ M P, p. 330.

¹⁶ A D F, p. 7.

¹⁷ M P, pp. 323-30.

¹⁸ M P, p.328. Ver D. Turner, "Elias Canetti: The Intellectual as King Canute", in Alan Best & Hans Wolfchutz, eds. *Modern Austrian Writing: Literature and Society After 1945*. London, Wolff Totowa, 1980, pp.79-96; I. Parry, "Attitudes to Power", *Hand to Mouth*, 1981, pp.151-73; J. Strachey, "Elias Canetti's *Auto-da-Fe*", *Horizon*, 1946, (1):60-63.

¹⁹ MP, p.319.

aquilo que ela prefere não dizer. Ela emudeceu apenas porque tem muito para ocultar"²⁰. O silêncio pressupõe o conhecimento exato daquilo que não se diz: "Silencia-se o que melhor se conhece..."²¹.

Kien orgulha-se de sua força de estar consigo mesmo e de permanecer igual a si mesmo. No entanto, ao retirar-se para o posto de seu guardião interno, o protagonista acaba por não poder mais afastar-se de tal posição, tendo que impedir o fluxo constante de metamorfoses que ocorrem na caótica realidade do mundo interno e externo. Como Canetti deixa claro em *Massa e Poder*, o aspecto patológico das distâncias que cada homem cria para proteger seu *self* e mantê-lo separado dos outros é a imobilidade. Silêncio, imobilidade e isolamento inibem a transformação do *self*: "Quem cala pode dissimular, mas de maneira rígida. Ele pode usar uma determinada máscara, mas de uma forma rígida. A fluidez da metamorfose lhe é proibida (...). Calase em todos os lugares onde a pessoa não quer se transformar. No emudecer desaparecem todos os motivos para a metamorfose"²². Kien, ao levar a armadura íntima contra perguntas ao seu extremo, permanecendo inacessível e independente quando sua existência requer atenção com questões do dia-a-dia, torna-se um tipo de tirano que lança mão de todos os meios possíveis para manter-se afastado do perigo: "em vez de provocá-lo [o perigo] e de enfrentá-lo, em vez de correr o risco de um destino talvez desfavorável numa luta, ele procura afastar o perigo com astúcia e previsão. Irá criar um espaço livre em torno de si, um espaço que possa ser controlado, e analisará todo e qualquer sinal de perigo que se aproxime de qualquer lado, porque a consciência de que está envolvido com muitos que poderiam atacá-lo de uma só vez mantém dentro dele, vivo, o medo de ser cercado"²³.

A face de Kien é descrita como uma máscara. A máscara, que congela a livre mobilidade da face numa rigidez completa, representa o estado final de transformações, além do qual nenhuma modificação pode ocorrer. É um ponto estático, num mundo fluido. Expressando algo determinado, claramente visível, a máscara permite que se acumule por trás dela o que é desconhecido, o misterioso. Conhecida apenas por fora, a máscara interpõe distância *entre* o que está por trás dela e o espectador. O espectador teme o que não *conhece*, enquanto quem está dentro dela teme o *desmascaramento*, já que está propagando um temor que não corresponde à imagem que ele tem de si mesmo²⁴. Assim, é possível dizer que, mesmo em Kien, a máscara continua como um limite perturbador de sua metamorfose, que nun-

²⁰ MP, p. 319.

²¹ MP, p. 328.

²² M P, p. 328.

²³ M P, pp. 256-7.

²⁴ M P, p. 420.

ca pode ser completa e absoluta. O próprio cuidado para não perdê-la, para não deixá-la abrir, provoca o temor de desmascaramento, e a parte que teme o desmascaramento fica necessariamente fora da metamorfose. Nesse sentido, Kien, para manter a estabilidade de sua ordem-mundo e sentir um controle total sobre este, vê-se obrigado a perpetuar uma dicotomia entre um *self* permanentemente estruturado e um mundo rigidamente modelado. A regularidade mecânica de seus hábitos diários pode, assim, ser entendida como um desejo paranóico²⁵ de reduzir o mundo a uma constante mesmice, tornando-o compreensível, administrável, seguro. Sua rotina meticulosa e a exagerada preocupação com ordem servem para reduzir a multiplicidade ameaçadora do mundo a uma uniformidade estruturada, que obedece aos desígnios de sua vontade onipotente. "O detentor de poder trava uma luta incessante contra as metamorfoses espontâneas e incontroladas"²⁶.

O sentimento de poder, contudo, depende não apenas da supressão de transformações em si mesmo, mas também do controle de transformações em outros. O "eu" torna-se tão importante para si mesmo que qualquer coisa externa a ele, "outro" em relação a si mesmo, adquire um valor negativo: o outro é visto como hostil, perigoso, devendo ser dominado. Apenas banindo todos de sua existência e impedindo qualquer perturbação em sua biblioteca hermética, Kien é libertado para conceber a si mesmo como um "pure-self", sua subjetividade como ilimitada, sua razão elevada à concepção do absoluto. Negação de outros é reafirmação de si mesmo. Mas logo se torna óbvio que, se esta é ilimitada e se é levada ao extremo, torna-se luta por uma soberania inflexível.

Para Canetti, a exposição das "entranhas do poder" assume um sentido literal e revela mecanismos ocultos de dominação. O sentimento de grandeza e distinção de Kien, associado à sua enorme erudição escolástica, pode ser examinado através da complexa relação do protagonista com seus livros, segundo a noção de "automultiplicação e auto-ingestão", exposta em *Massa e Poder*²⁷. Tendo como única pai-

²⁵ Para uma revisão do tema da insanidade em *Auto de Fé*, ver W. H. Sokel, "The Ambiguity of Madness: Elias Canetti's Novel *Die Blendung*", in Karl S. Weimar, ed. *Views and Reviews of Modern German Literature: Festschrift für Adolf D. Klarman*, Munchen, 1974, pp.181-87; P. Russel, "The Vision of Man in Elias Canetti's *Die Blendung*", *German Life and Letters*, 1974-75, (28):355-83.; R. Karst, "Elias Canetti's *Die Blendung*: A Study of Insanity", *Modern Austrian Literature*, 1983, 16(34):133-145. E. Thomson, "Elias Canetti's *Die Blendung* and the Changing Image of Madness" *German Life and Letters*, 1973 (26):38-47.

²⁶ M P, p. 421.

²⁷ Após a análise de ritos, lendas e antigos mitos de diferentes culturas, Canetti conclui que o homem se torna simbolicamente mais forte pela incorporação de animais, plantas e objetos que são associados com força e poder, M P, pp387-98. Ver D. Barnouw, "Mind and Myth in *Masse und Macht*", *Modern Austrian Literature*, 1983, 16(3-4):65-79.

xão colecionar livros, Kien empenha-se em aumentar o número destes o máximo possível. "Os livros, incluindo os maus, induziam-no a fazer uma compra"²⁸. O aumento de livros corrobora os sentimentos de superioridade do protagonista, proporcionando-lhe sensações de proteção, confiança e poder. Os vinte e cinco mil volumes, aproximadamente do mesmo tamanho e de aparência similar, uniformemente alinhados em longas fileiras segundo uma rígida organização, representam, na mente de Kien, um tipo de exército leal que o protege contra o toque do desconhecido, salvaguardando a lucidez de sua mente com um tipo de segurança ontológica²⁹.

O protagonista, além da obsessão em possuir livros, esforça-se por "incorporá-los". Onde quer que vá, carrega uma diminuta porção de sua biblioteca em sua volumosa pasta. É como se desejasse literalmente inserir os livros em seu corpo:

"levava-a [a pasta recheada de livros] bem agarrada a si, de uma forma muito pessoal, para pôr intimamente em contato com o seu corpo. As suas costelas sentiam-na através da roupa (...), o braço repousava na concavidade lateral, amoldando-se perfeitamente a ela. O antebraço servia-lhe de apoio desde baixo. Os dedos, esticados, acariciavam em todos os sentidos a cobiçada superfície"³⁰.

Kien desculpa-se a si mesmo pelo excesso de zelo, creditando-o ao valor do conteúdo de seus livros. Nada mais precioso do que eles; portanto, incorporando seu conteúdo, ele poderia ser investido daquele valor. Por causa da prodigiosa memória do protagonista, somos novamente informados de que Kien "absorvera" milhares de livros em sua mente: "transportava na cabeça uma segunda biblioteca, tão sortida e de confiança como a verdadeira (...). Podia redigir ensaios nos quais abordava mesmo pormenores íntimos, consultando unicamente a sua bibliocabeça"³¹. A "incorporação" investe Kien de poder. Na medida em que toda a substância de cada um daqueles livros é "comprimida", Kien torna-se um tipo de biblioteca ambulante, contendo dentro de si todas as forças e as potencialidades que estavam dispersas. Justamente porque é único, distinto, pode ver a si mesmo como superior. Seu valor é o valor do que ele contém e é seu dever não deixá-lo escapar. Neste ponto, as análises de Canetti sobre poder e massa encontram-se. Apesar de seu argumento sobre a atitude

²⁸ ADF, p. 7.

²⁹ A confiança de Kien no poder das palavras para proporcionar uma segurança ontológica recebeu considerável atenção de críticos. Ver M. Lovett, M., op. cit. pp. 80-114; K. Thorpe, "Notes on *Die Blendung* by Elias Canetti", *Theoria*, 1986, (67):61-77. H. Werlen, *Narrative Strategies in Elias Canetti's Die Blendung and Masse und Match*, Ph.D. Thesis, Stanford University, 1988., pp. 47-50.

³⁰ A D F, p.7.

³¹ A D F, p. 15.

de exploradora do líder com relação à massas apenas tornar-se claro em *Massa e Poder, Auto de Fé* ilustra tal argumento, suportando a visão de que o poder é alimentado pelas multidões³².

O papel de Kien como um líder despótico, que usa seus livros como um exército (segundo Canetti, uma massa fechada³³ para aumentar a dimensão de seu poder e estender seu domínio sobre os outros, torna-se mais e mais claro à medida que sua biblioteca é progressivamente invadida. Uma das cenas mais representativas dessa situação ocorre quando o perturbado sinólogo se transforma em general-em-chefe e mobiliza seu exército imaginário de livros para um estado de guerra contra Teresa. Ele sobe na velha escada “de forma que a sua cabeça tocasse no teto, as suas pernas prolongadas pela escada chegassem ao chão e os seus olhos abarcassem a total uniformidade da biblioteca”³⁴. Em termos de uma operação explicitamente militar, ele comanda:

“Há algum tempo (...), desde que um poder estranho irrompeu nas nossas vidas, veio-me a idéia de cimentar as nossas relações sobre uma base mais sólida. A vossa existência está assegurada por um acordo. No entanto, creio que somos suficientemente inteligentes para não nos enganarmos sobre o perigo que, apesar deste acordo legal, está pendente sobre vós (...). Como corporação incólume e auto-suficiente — um por todos e todos por um — estamos em condições de nos organizarmos para a defesa (...). Não sobre-estimeis a força do inimigo, meu povo! Entre as tuas letras esmagá-lo-ás até que morra! Sejam as tuas linhas as clavas que se abatem sobre a sua cabeça, as tuas letras os pesos de chumbo que pendem dos seus pés e as tuas capas as couraças que te protegem dele! Tens mil ardis para atraí-lo, mil redes para envolvê-lo, mil raios para fulminá-lo! Sim, meu povo, tu és a força, a grandeza e a sabedoria dos séculos!”³⁵.

Provocando um imaginário estado de resistência e de rebelião entre algumas fileiras de livros que tratavam de diferentes períodos his-

³² Para o desenvolvimento de tal discussão, ver J. McClelland, *The Crowd and the Mob - From Plato to Canetti*. London, Unwin Hyman, 1989, pp.314-25; U. Santamaria, “Canetti ou la douleur reversible”, *Temps modernes*, 1988, 44(507):110-126.

³³ Refutando a tendência clássica sobre multidão, que trata a massa como uma única categoria, válida para todos os tempos e lugares, Canetti desenvolve, em *Massa e Poder*, uma intrincada tipologia de massa. Considerando quatro atributos fundamentais: crescimento, igualdade, densidade e direção, ele segmenta a classificação em quatro pares opostos: massa aberta e massa fechada, massa estagnada e massa rítmica, massa lenta e massa veloz, massa visível e massa invisível. Ao lado da classificação feita em função de aspectos físicos fundamentais, Canetti delinea uma classificação segundo o conteúdo emocional predominante: massas de perseguição, massas de fuga, massas de proibição, massas de inversão, massas festivas, massa dupla.

³⁴ A D F, p.80.

³⁵ A D F, pp.80-84.

tóricos e tradições filosóficas variadas, Kien os reduz ao anonimato de um exército pronto para a guerra. Declara: " Que todas as diferenças derivadas da antigüidade, prestígio, importância e valor dos combatentes são abolidas. A democratização do exército ficará completamente às claras com o fato de que, a partir de agora, todos terão a lombada voltada para a parede. Esta medida far-nos-á sentir mais solidários e privará o inimigo (...) de todas as possibilidades de avaliar-nos"³⁶.

Quanto mais o processo de autopreservação se efetua, mais requer alienação e domínio do *self* sobre pessoas e coisas do exterior. Quando Kien é expulso de seu apartamento por Teresa, sua primeira e única preocupação é adquirir quantos livros puder. Explora cada uma das livrarias da cidade e posteriormente se engaja na tarefa de adquirir todos os livros da casa de leilão *Theresianum*. No entanto, em vez de comprar os livros, ele simplesmente estoca os títulos em sua mente. Carregando uma nova biblioteca em sua cabeça, pode ainda acalentar a ilusão de que continua protegido por livros. O que parecera inicialmente uma metáfora alusiva à memória fenomenal do sinólogo é tomado por Kien como uma concreta realidade. Todas as noites tem que desempacotar os livros, removê-los de sua cabeça e acomodá-los em cima de um forro cuidadosamente colocado no chão de seu quarto de hotel. De outra forma, o peso deles o impediria de dormir.

Agitando-se na vida caótica e tumultuada do mundo externo, um mundo que é desprovido do poder estruturante do intelecto, a necessidade desesperada de proteção torna-se mais rígida e mais grotesca³⁷. Como no caso de paranóia de Schreber, discutido em *Massa e Poder*³⁸, Kien se convence de que tudo tem a intenção de confundir sua razão e de destruí-lo. Interpreta o mundo circundante através de sua própria perspectiva isolada, sem qualquer mecanismo empírico ou interação verificativa com a realidade exterior. Fechado no círculo de seu próprio universo, incapaz de fazer contato com qualquer coisa externa que não volte simplesmente a ser sua própria reflexão, torna-se mais e mais susceptível ao poder do auto-engano, e sua mania de perseguição cresce na mesma velocidade. Acaba num delírio paranóico que o leva a destruir tudo que supõe estar desafiando sua soberania: "As idéias de grandeza entre os paranóicos (...) têm a tendência

³⁶ ADF, p.85

³⁷ Ver M. Sacharoff, "Grotesque and Comedy in Canetti's *Auto-da-Fé*", *Critique: Studies in Modern Fiction*, 1978, 14 (i):99-112; T. B. Burton, "The Quixotic in Canetti's *Die Blendung*", *Modern Austrian Literature*, 1983, 16(3-4):165-176; S. Sontag, "Mind as Passion", in _____, *Under the Sign of Saturn*. Toronto, McGraw, 1980, 181-204.

³⁸ M P, pp.483-514.

de se tornarem cada vez mais rígidas. Quando a massa de tendências hostis se mostra mais forte, estas idéias se transformam em idéias de perseguição"³⁹.

Quando a vontade de poder é levada a esse extremo, Canetti dá a entender que a dialética entre o *self* e o mundo é obliterada pela aquisição de supremacia absoluta do *self*. O sujeito supremo não mais promove um diálogo entre o mundo interno e o externo, mas procura subjugar todo o mundo pela reafirmação de suas idéias fixas. O poderoso paranóico percebe seu *self* como o centro de tudo e se torna um tipo de deus criador de um mundo que é apenas a projeção de sua vontade. Atrás de toda a multiplicidade de aparências, ele detecta sempre a presença do inimigo que desafia sua onipotência. A urgência de desmascarar aparências e descobrir inimigos "torna-se um tipo de tirania": ele "está sempre à espera do momento certo para arrancar-lhes a máscara do rosto (...) a fim de tornar então visível a verdadeira intenção, que ele conhece tão bem por experiência própria"⁴⁰. Com incrível segurança, o poderoso paranóico despreza todos os "outros", que vai desmascarando como artificialidade pretensiosa e enganadora.

Como está meticulosamente exposto em *Massa e Poder*, o processo de se alcançar e de se manter o poder induz à ansiedade. A habilidade de mandar, que o poderoso tem permite-lhe ultrapassar e, por fim, trair outros, chegando à posição de poder. No entanto, o poderoso, mesmo em seu sucesso, é atingido pelo temor de reversão, evoluindo para aquilo que Canetti chama de "ansiedade de mandar", isto é, o medo de que o inferior venha um dia a vingar-se. O poderoso vive para comandar e necessita de dissimular sua ansiedade, como já dissimula sua malevolência interior, mas "o temor pode ir aumentando no decorrer da vida (...) e manifestar-se numa espécie de delírio cesarista"⁴¹. Apesar do suposto amor e dedicação de Kien por seus livros, ele representa, na verdade, uma ameaça para eles. Ao longo do romance, os livros são forçados a servi-lo, tanto para sustentar suas noções de grandeza como para defendê-lo da massa hostil ou do "toque do desconhecido". No entanto, assim que Kien percebe que os livros não estão mais prontos para obedecer a seus mandos, não hesita em ameaçá-los de morte por fogo. Nessa perspectiva, é finalmente possível ver que tudo que Kien ou qualquer despótico poderoso realmente deseja é tornar-se um sobrevivente "em pé num enorme campo de corpos". Ser o último homem a permane-

³⁹ MP, p. 454.

⁴⁰ M P, pp. 421-2.

⁴¹ M P, p. 344.

cer vivo, Canetti acredita, é "a mais profunda necessidade de todo verdadeiro ambicioso de poder"⁴².

No último capítulo, "O Galo Vermelho", a rendição total de Kien à loucura é uma expressão multiforme da massa⁴³. Apesar de encontrar-se trancado em seu apartamento, ele ainda se sente perseguido por representações da massa simbolicamente concebidas. O tigre vermelho, a forma animal mítica do homem tentado a reverter-se aos seus impulsos básicos para liberar sua natureza reprimida, está lá novamente. Um conjunto dos símbolos de Canetti sobre a massa — a cor vermelha, o sangue, o fogo — aparece insistentemente em um fluxo frenético de metamorfoses. Os delírios de Kien são povoados por ilusões de multidões perseguidas e vitimadas. Ouve sirenes de bombeiros nas ruas e vê pela clarabóia o clarão avermelhado no céu. Imagina que todos os livros do *Thersianum* estão se queimando e gritando desesperadamente por sua ajuda. Ouve, ainda, um bando de policiais e uma turba de cidadãos batendo à sua porta para prendê-lo pelo assassinato de Teresa, que ele ainda continua convicto de ter cometido. Nesse estado alucinatório, vê manchas vermelhas no carpete e imagina que constituem evidências criminais contra ele e que precisam ser destruídas. A imagem do fogo — o símbolo mais poderoso da massa para Canetti, uma vez que "fogo é vibrante, contagioso e insaciável múltiplo e uno (...) e devasta violentamente"⁴⁴ vem obsessivamente à imaginação de Kien. Cada nova linha de pensamento, cada seqüência incoerente de reminiscências, cada cadeia de associações retorna finalmente à mesma idéia perversa: Fogo! Fogo como símbolo da paixão, do sexo, da excitação inextinguível da massa, elementos reprimidos por Kien. Dos recônditos confins da biblioteca, o fogo emerge espontaneamente. O impulso de massa, o desejo latente do indivíduo de de-individuação, de dissolver-se na massa e tornar-se "como fogo, não reconhecendo fronteiras"⁴⁵, culmina, devorando tudo o mais.

Com as chamas tremulando ante seus olhos, Kien tenta retornar ao seu mundo pacífico, o mundo escrito dos livros; mas não consegue ler uma só de suas linhas. As letras dançam enlouquecidas. Ele manda que fiquem quietas. Animadas pela alucinação de Kien, as letras se desprendem de suas páginas e o assaltam fisicamente agora como

⁴² M P, p. 252.

⁴³ Ver R. Maia, *op. cit.*, pp. 238-46, M. Demet, "The Theme of Blood in Elias Canetti's *Die Blendung*", *Modern Austrian Literature*, 1983, 16(34):174-153; M. Beller, "The Fire of Prometheus and the Theme of Progress in Goethe, Nietzsche, Kafka and Canetti", *Coloquia Germanica*, 1984, (17):1-13; I. Parry, "Elias Canetti's Novel *Die Blendung*", in F. Norman ed. *Essays in German Literature*, vol. I, London, London University, 1965, pp.145-166.

⁴⁴ M P, pp. 81-6.

⁴⁵ M P, p. 84.

uma "massa de inversão", "essa maldita massa revolucionária"⁴⁶ que se vingava pelo longo tempo em que Kien as fizera sentir seu poder⁴⁷. Na medida em que as linhas dançam, as letras pulam para fora de suas páginas e as páginas para fora de suas capas, a "massa fechada" transforma-se em uma "massa aberta", e a "massa de proibição" em "massa festiva". Misturando categorias, assuntos, tradições, "os livros vão caindo das estantes para o chão (...) e as estantes ameaçam-no com as suas fauces hiantes"⁴⁸. Ordem é quebrada, poder é subvertido, racionalidade se desintegra. Kien, que manifestara uma ambição paranóica de impor um domínio total do intelecto racional sobre o mundo, acaba possuído pelas coisas deste mundo; a dicotomia entre *self* e mundo é finalmente obliterada. Ironicamente, é em sua biblioteca — o cosmos artificialmente criado por Kien e seu refúgio contra as massas humanas — que os livros finalmente revelam sua verdadeira mágoa e transformam-se em uma massa. São eles, outrora, seu exército leal e "matéria espiritual" usada para conter a ameaça dos desprezados bárbaros iletrados (como chamava a todos os outros), que, finalmente, em reverso, o atacam. O excesso de negação e a severidade da repressão fazem o impensável acontecer: Kien faz uma pilha de todos os seus livros e os atira ao fogo, voltando, depois, para o alto de sua escada, de onde espera, rindo, que o fogo o engula. Kien entrega-se à tentação de dissolver as fronteiras de seu ego na massa, contra a qual lutara tão obstinadamente. Mas o suicídio de Kien nesse "auto de fé" é ambíguo: como um déspota paranóico derrotado, ele não morre sozinho, mas leva consigo todas as suas tropas, de modo que ninguém possa gozar o prazer de ter-lhe sobrevivido.

Endereço da Autora:
Rua Lodi, 205 - Bandeirantes
30340-410 Belo Horizonte - MG

⁴⁶ A D F, p. 433

⁴⁷ M P, p. 507.

⁴⁸ A D F, p.435.